

O FULGOR DE FÓSFORO DO TRABALHO POÉTICO DE CARLOS DE OLIVEIRA

THE PHOSPHORUS GLOW OF THE POETIC WORK OF CARLOS DE OLIVEIRA

LÚCIA MELO DE SOUSA *

Obra resenhada: OLIVEIRA, Carlos. *Trabalho Poético*. Org. Ida Alves. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

Trabalho Poético, de Carlos de Oliveira, poeta contemporâneo português, constitui a primeira antologia, no Brasil, do autor de *Uma Abelha na Chuva*. Lançada em agosto de 2021, em virtude da comemoração do centenário de nascimento do escritor, ela vem preencher uma lacuna editorial no que diz respeito à divulgação da obra poética do escritor no país onde nasceu. De mãe luso-brasileira e pai português, ele nasceu, em 1921, em Belém do Pará. Vai com a família para Portugal aos dois anos de idade e não mais voltará ao Brasil. De retorno, o pai, médico, se instala na Aldeia de Nossa Senhora de Febres, em Cantanhede, numa região conhecida como Gândara. Nesse espaço de condições muito difíceis de vida, Carlos de Oliveira passa sua infância e adolescência, período que lhe dará experiências vitais tatuadas em sua memória, desencadeando, no adulto, uma espécie de trabalho de perlaboração para que o poeta retirasse e reelaborasse a matéria com a qual iria desenhar/escrever a sua micropaisagem textual.

Com organização de Ida Alves¹, professora de literatura portuguesa da UFF e pesquisadora há muitos anos da obra desse escritor, e publicada pela editora carioca

* Professora Doutora em Estudos Comparados pelo Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Federal Fluminense (2012), com tese intitulada “Linguagens entrecruzadas num espaço modulado ou neobarroco em A Fuga para o Egíto, Gémeos e Amadeo, de Mário Cláudio”. Atuou como professora na Universidade Estácio de Sá de 2002 a 2022. Atualmente, realiza pós-doutorado pela Universidade Federal Fluminense, sob supervisão da prof^a Dr^a Ida Alves, com o projeto de pesquisa sobre a Ecopoética do poeta português Carlos de Oliveira, de janeiro de 2024 a dezembro de 2024. Niterói-RJ-Brasil. Email: luciams27@gmail.com. Orcid-ID: 000000027212-047 X

¹ Criou o *site* brasileiro Escritor Carlos de Oliveira que pode ser acessado em <https://escritorcarlosdeoliveira.com.br/>

Oficina Raquel, a antologia busca o que é “essencial e vivo” da obra poética, bem como visa a “descongelar” os livros de poemas de Oliveira e apresentá-los aos leitores brasileiros. Para isso, a organizadora solicitou a outros leitores críticos e experimentados de sua poesia (os ensaístas portugueses Rosa Maria Martelo e Osvaldo Silvestre; os brasileiros Leonardo Gandolfi e Luís Maffei²) que escolhessem, na perspectiva de cada um, 20 poemas do poeta. Cruzadas as indicações, incluindo as da organizadora, formou-se a antologia publicada que contempla todos os livros de poesia do autor, além de incluir três crônicas do livro em prosa *O Aprendiz de Feiticeiro*, primeira edição portuguesa em 1971. Como sugere esse título, “feiticeiro” figura como sinônimo de escritor. E o escritor figura como o aprendiz da “linguagem de vocábulos pesados como enxadas, na voz lenta, difícil, entrecortada de silêncio, que os cavadores e os mendigos me ensinaram, lá para trás, no alvor da infância” (Oliveira, 1992a, p. 422). Das três crônicas recolhidas na antologia brasileira, destaca-se “Micropaisagem”, a de título homônimo ao livro de poemas *Micropaisagem*, de 1968. Livro que desnuda, de modo incontornável, a “decantação verbal” do trabalho poético empreendido pelo autor de *Finisterra. Paisagem e Povoamento* (1978), sua última narrativa publicada, já que faleceria em 1981.

A ordem da disposição dos livros de poesia, na antologia, abrindo com *Pastoral*, de 1977, o último publicado, e fechando com *Turismo*, de 1942, cronologicamente o primeiro lançado, indicia o procedimento criativo de Oliveira em que fim e começo se apresentam como um jogo indistinto. A antologia começa com textos do *Aprendiz de Feiticeiro*, 1971, e segue, em ordem decrescente, por *Pastoral*, publicado em plaquete pelo autor, em 1977; *Entre Duas Memórias*, de 1971; *Micropaisagem*, de 1968; também de 68, *Sobre o Lado Esquerdo*; de 1960, aparece *Cantata* (livro que marca, segundo a maioria dos críticos e leitores de Oliveira, o *turning point* de sua obra e vida); *Terra de Harmonia*, de 1950; *Colheita Perdida*, de 1948; *Mãe Pobre*, de 1945, e *Turismo*, de 1942. O prefácio ficou a cargo do professor de literatura portuguesa da Unifesp, estudioso da poesia de Oliveira, Leonardo Gandolfi, e o posfácio é da organizadora. De autoria de Renato Roque

2 A seleção de cada um pode ser verificada ao final da antologia.

é a fotografia da capa. Fotógrafo portuense, ele publicou, em 2017, *Escrito com Cal e com Luz*³, um ensaio fotográfico sobre Carlos de Oliveira e suas recorrentes imagens e paisagens advindas da região da Gândara.

Carlos de Oliveira começa a publicar nos anos 1940. De 1942 é *Turismo* e de 1943 o primeiro romance, *Casa na Duna*, portanto, bem no início do movimento cultural e literário que ficou conhecido como Neorrealismo. Filiado a uma linhagem ideológica de cariz marxista, o movimento tinha como principal objetivo a denúncia da alienação vigente no país durante o Estado totalitário salazarista e, conseqüentemente, a ultrapassagem dos inúmeros e agudos problemas socioeconômicos pelos quais Portugal, bem como toda Europa, atravessava no período entreguerras. Como agravamento da situação, a Europa ainda vivia sob o jugo das forças nazifascistas de Hitler e Mussolini, e do totalitarismo de Stálin. Alves Redol, um dos nomes cimeiros do movimento na literatura portuguesa, lançava o seu *Gaibéus*, em 1939, este que viria a se tornar o primeiro romance neorrealista português. No prefácio da edição de maio de 1965, escreve ele: “O trabalho produtivo, a exploração descarnada do homem pelo homem, tomados nos seus aspectos mais crus, na lâmina viva do dia-a-dia, dominam o livro.” (Redol, 1983, p. 20). Percebe-se nas palavras de Redol que, no calor da hora da história, o fulcro do movimento era a denúncia da sem precedentes crise humanitária que assolava não só Portugal, mas todo o continente europeu nos idos dos anos 1930 e 1940. Integrante do movimento emergido em pequenas revistas e jornais literários alinhados à ortodoxia marxista, como *O Diabo* (1934-1940), *Sol Nascente* (1937-1940) e *Vértice*, depois de 1945, Carlos de Oliveira publicou os primeiros poemas na Coletânea *Novo Cancioneiro*. Indisfarçadamente, nos anos 1940, o movimento neorrealista defendia uma arte e uma literatura empenhadas, pois, assim, os tempos críticos e de crise o exigiam.

Carlos de Oliveira, homem de palavra e rigor moral inquestionável, não se furtou a *seu tempo*, ou dizendo com Agamben (2019), partícipe do século das vértebras fraturadas, ou seja, o XX, o poeta sustentou o olhar diante do tempo de sombras do breve século e de sua história, e se tornou não um poeta neorrealista ou moderno, mas um poeta

3 A respeito, ver texto de Isabel Cristina Mateus (2017).

contemporâneo, na acepção agambeniana. E não só na poesia, mas também na prosa. Se bem que, como já mencionado antes, em Oliveira, falar de prosa é falar de poesia, porque para esse escritor não se trata mais de falar em gênero, mas tão-só em linguagem, e nela o procedimento da indiferenciação constituiu-se a marca mais acentuada dos seus textos. Pois quem há de duvidar de que a matéria e linguagem literárias provenientes da região da Gândara não estão presentes tanto em *Turismo*, o primeiro livro de poemas de 1942, quanto em *Casa na Duna*, o primeiro romance de 1943? Porém, como sabemos, o escritor reescreveu suas obras iniciais e os poemas de *Turismo* que aparecem na antologia brasileira são da versão final que Oliveira deu ao livro, quando o republicou em *Trabalho Poético I e II*, de 1976.

De *Turismo* a antologia traz os poemas “Infância”, “Amazônia” e “Gândara”. Para quem conhece a vida e a obra de Oliveira, poderia dizer que os três perfazem uma resumida biografia do escritor: o nascimento como homem na região amazônica e o nascimento como escritor na região gandraesca. E que também, ainda, em *Casa na Duna*, já estão inscritas-escritas a ruína e a memória fósseis de *Finisterra*. Atentemos para a abertura de *Casa na Duna*: “Na Gândara há aldeolas ermas, esquecidas entre pinhais, no fim do mundo.” (Oliveira, 1992b, p. 603). No movimento sinusoidal da Terra estão configurados os começos e os fins do espaço-tempo do planeta. Lemos no poema I da parte intitulada “Infância”, de *Turismo*: “Terra / sem uma gota / de céu.” E no poema V: “Céu / sem uma gota / de terra.” (Oliveira, 2021, p. 150-52).

Em *Turismo*, de 1942, *Mãe Pobre*, de 1945, e *Colheita Perdida*, de 1948, vê-se que a pena da poética do compromisso aparece bem mais acentuada do que a pena da poética do fingimento à Pessoa. Embora haja uma certa angústia já da consciência profissional, ou seja, a consciência de que o valor do fundo só pode ser encontrado no valor da forma, e vice-versa, há, por certo, a consciência do peso e da rudeza de pedra da palavra. A angústia vai se transformando em tensão, na medida em que vemos, no poema “A noite inquieta”, de *Colheita Perdida*, surgir, de modo paradoxal, alguns pares de palavras em versos como: “sou um pouco de dia anoitecendo / mas sou convosco a treva florescendo” (2021, p. 137). Aqui a lição do mestre Afonso Duarte (1884-1958), isto é, a do movimento sinusoidal, em que a noite constitui o outro lado do dia, assim como a luz constitui o outro lado da sombra, num movimento de alternância em que dia-noite-dia, vida-morte-vida, começo e fim perfazem uma linha infinita, já é insinuada.

“A Noite Inquieta” prefigura a importante meditação metapoética que reaparecerá, sonhada numa outra forma, em *Micropaisagem*, de 1968. Neste poema já percebemos a vontade de “No outro polo da altura as derradeiras/fontes imaginam chãos aéreos” (2021, p. 140). Aqui já é antecipado o “Salto em altura” presente em *Entre Duas Memórias*, de 1971, em que escreve: “o voo é o singular abstracto, / melhor, a metáfora das asas, / que subentende coisas / por enquanto sem leis” (2021, p. 51). Daí temos o processo criativo que “subentende coisas / por enquanto sem leis.” A metáfora do voo entre duas memórias, dois tempos (o terrano, rural, antigo e o moderno), dois mundos, duas realidades em sobreposição, em que a metáfora das asas se encontra no corpo do “anjo camponês” de “Descrição da Guerra de Guernica”, bem como nas asas das “máquinas que voam”. Percebemos o deslocamento significante encetado pela poética de Oliveira que torna ambíguo, ou melhor, tenso o uso dos significantes. Lição aprendida, apreendida e também antecipada em “A Noite Inquieta”, em que o espelho – “ou janela da paisagem / linguagem” – do poeta se revela numa tela de Van Gogh. A seara que o sujeito lírico vê é “uma seara de Van Gogh morre à sede”. Um anjo camponês que pode, sim, figurar como peregrino na *finis terrae* da Gândara, mas pode também ser mais uma vítima desamparada do massacre de Guernica, o *Angelus Novus*, de Klee ou, ainda, o anjo “terrível” de Rilke ou um albatroz-poeta decaído com as asas fraturadas no meio do século XX que agoniza. Atente-se que a poética vai se desenvolver de imagem para imagem, metamorfoseando o real em algo reversível, porque indecível: quase figurativo, quase *abstracto*. Quase uma certa ideia “disto”. Repare-se que o voo é imaginado em “chãos aéreos.” De novo o movimento sinusoidal se faz presente. De novo, os versos de *Turismo*: “Terra / sem uma gota / de céu [...] Céu / sem uma gota / de terra” (2021, p. 150-52).

Nota-se que o procedimento do trabalho poético vai sendo aperfeiçoado com tempo, ou como o escritor vai declarar em *O Aprendiz de Feiticeiro*: “O resto é trabalho vagaroso. Feito, desfeito, refeito, rarefeito” (1992a, p. 585). Rarefação que se insinua no título do livro de 1960: *Cantata*. O livro da quase virada. Falo de quase virada porque, como venho tentando mostrar, na poesia de Oliveira as coisas líricas são subentendidas desde o começo, ou desde o fim, do processo criativo que se mostra, inelutavelmente, autocrítico. *Cantata* constitui uma forma musical. E o que é a música senão materialidade? Notas, melodia, harmonia, ritmo, significantes musicais? É, pois, no que se metamorfosearão

os elementos geológicos, naturais, culturais e sociais da região da Gândara: de elementos temáticos passarão a elementos formais. Eis o procedimento essencialmente moderno trabalhado por Oliveira para a construção de sua poética: retirar do contexto sócio-geológico-cultural sua matéria poética. O primeiro poema de *Cantata* indicia isto: “Vento”. As palavras agora carregam um rumor que condensa e reverbera tempos-espacos pela paisagem. Rumor “ágil e esquivo / como o vento” (2021, p. 114). O trabalho poético vai sendo aperfeiçoado a cada reescrita.

O processo de lapidação da palavra é intensificado a fim de que o significante se torne aéreo, leve, todavia com algum peso para que volte a regressar ao chão. Lemos em “Salto em altura”, de *Entre Duas Memórias*: “o peso reconduz os corpos / ao início do voo: / os voos são regressos” (2021, p. 51). Daí inferirmos o duplo valor do trabalho poético de Oliveira: ético e estético. Da poesia política à política da poesia: a beleza “disto” subentendida na realidade submersa e na “natureza variável / das palavras” (2021, p. 110). A lição de Lavoisier, no poema homônimo de *Sobre o Lado Esquerdo*, de 1968, culmina na assunção da *cal-igrafia* que “sonha / outra forma” (2021, p. 110). A forma de um grão de areia em que o poeta vai inscrever-escrever, com micro-rigor, o fulgor de sua micropaisagem. Livro publicado no mesmo ano de *Sobre o Lado Esquerdo*, 1968, *Micropaisagem* configura-se, face à obra do poeta de *Pastoral*, numa dobra de linguagem, porque metapoética. Nele, Oliveira desce às sombras de uma colina oca para investigar, mediante o processo de formação de uma estalactite, a simulação de um processo mnemônico, geológico, cultural, histórico e poético. A parte I que abre *Micropaisagem* descortina o *Trabalho Poético*:

I
O céu calcário
duma colina oca,
donde morosas gotas
de água ou pedra
hão-de cair
daqui a alguns milénios
e acordar
as ténues flores
nas corolas de cal

tão próximas de mim
que julgo ouvir,
filtrado pelo túnel
do tempo, da colina,
o orvalho num jardim
(Oliveira, 2021, p. 65).

Homologamente ao trabalho da água, que se metamorfoseará em pedra, pelo vagaroso e paciente trabalho do tempo, assim se configura o trabalho poético de Carlos de Oliveira que, da obsessiva consciência profissional, recria “o mundo pedra a pedra; / mina obscura e insondável, quis / acender-te o granito das estrelas / e nestes versos repetir com elas / o milagre das velhas pederneiras” (2021, p. 116). Na micro linguagem-paisagem-página textual, o poeta produz e reverbera, com micro-rigor, o fulgor de fósforo, isto é, o “milagre das velhas pederneiras”, para, talvez, iluminar as sombras da *finis terrae*, bem como para no silêncio da palavra ouvirmos a explosão dos sentidos possíveis subentendidos da coisa-poesia. Possibilitar isso é o valor dessa primeira edição brasileira com poemas incontornáveis desse poeta que tão bem aliou a resistência a um tempo ditatorial à resistência da palavra como matéria de criação.

Creio que o título escolhido pela organizadora da antologia brasileira, em consonância com o desejo do escritor, isto é, *Trabalho Poético*, vem celebrar, no ano do centenário do nascimento do poeta, o trabalho da mão que aprendeu a lapidar/plantar num jardim poético corolas de flores de cal.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução: Vinícius Nicastro Honesk. Chapecó, SC: Argos, 2009.

MATEUS, Isabel Cristina. “Escrito com Cal e com Luz” de Renato Roque: ensaio fotográfico sobre a poética de Carlos de Oliveira. In Revista Caliban, nov.13, 2017, on line. <https://revistacaliban.net/escrito-com-cal-e-com-luz-ensaio-fotogr%C3%A1fico-sobre-a-po%C3%A9tica-de-carlos-de-oliveira-85e5b2e38f5c>. Acesso em jan. 2024.

OLIVEIRA, Carlos de. *O Aprendiz de Feiticeiro*. Lisboa: Caminho, 1992a.

OLIVEIRA, Carlos de. *Casa na Duna*. Lisboa: Caminho, 1992b.

REDOL, Alves. *Gaibéus*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1983.

Submetido em 03 de fevereiro de 2024

Aprovado em 15 de março de 2024

Publicado em 29 de setembro de 2024
